

O CAMINHO DAS PEDRAS

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO: António Joaquim de Sousa Duarte

TÍTULO: O caminho das pedras

AUTOR: João Fernandes

REVISÃO EDITORIAL: António Joaquim de Sousa Duarte

PAGINAÇÃO: António Joaquim de Sousa Duarte

IMAGEM DA CAPA: Nuno Ferreira

CAPA: Nuno Ferreira

1.ª Edição

LISBOA 2010

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Agapex

ISBN: 978-989-97117-0-9

DEPÓSITO LEGAL: 320855/10

© JOÃO FERNANDES

PUBLICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Sítio do Livro, Lda.

Lg. Machado de Assis, Lote 2, Porta C – 1700-116 Lisboa

www.sitiodolivro.pt

Dedicado à minha mulher Nélia e ao meu filho Diogo. Sem eles este livro não existiria.

Obrigado aos meus queridos amigos e familiares que leram a obra, a criticaram e incentivaram a sua publicação.

Qualquer semelhança com factos reais é pura coincidência

I

- Carlos, ó Carlos, olha as miúdas, não as deixes mexer na terra, raios parta à minha vida que não faço outra coisa senão lavar roupa e fazer comida enquanto tu estás refastelado com o cu no sofá sempre a ler essas merdas que não interessam nem ao menino Jesus -gritava a Maria do Carmo com a voz já meia rouca.

Toda a gente berrava naquela casa, era a Maria do Carmo, eram as miúdas, eram as tias das miúdas quando lá iam a casa, pareciam que estavam na “porcalhota” (bairro social da zona de Lisboa), gritavam para se ouvirem e só se ouviam a elas próprias; O emprego na Segurança Social dava segurança, mas o vencimento era uma miséria, e em termos de realização profissional era melhor nem pensar...entrava todos os dias naquela repartição, tinha que analisar uma série de requerimentos, verificar se estavam correctamente preenchidos, corrigir e enviar os documentos para o chefe. Não havia nada para pensar, nada para poder fazer à sua maneira, nada onde pudesse ser ele próprio e não apenas mais um funcionário anónimo perdido no meio daqueles milhares.

Há uns anos atrás tinha-se metido a fazer cinema. Era uma área onde podia dar asas à sua imaginação, onde se poderia realizar. Arranjou a equipa, pessoas jovens, tal como ele, cheios de vontade, cheios de sonhos, cheios de espírito de sacrifício, com os bolsos vazios, sem conhecimentos profundos da arte, sem a consciência da sua falta de experiência. E foi o fracasso, gastaram-se os subsídios recebidos sem saberem como nem lá muito bem onde, ficou o amargo de boca da desilusão, ficou o gozo desses meses de frenesim de liberdade, de fazer coisas novas, de conhecer novos locais, de conhecer outras pessoas...

Na passada do PREC onde, como tenente miliciano em Moçambique, fez parte da comissão militar constituída para a transição da soberania nacional daquela Colónia para República Popular de Moçambique, e posteriormente em Portugal, de barbas russas, sancionou ocupações de fábricas e herdades pelos pseudo-operários/camponeses, constatou que para a sobrevivência no meio dos homens bicho desta selva “civilizada” a obtenção do cartão do partido socialista era fundamental.

Fundamental para a sobrevivência era também a posse dum canudo e ele que só tinha o curso secundário matriculou-se na faculdade de letras, no curso mais facilzinho que havia, e com “ trabalhos de grupo “, passagens administrativas e outras golpassas, conclui-o. Agora já era chamado por senhor doutor...

No entanto, o partido quando o deixava voar era muito baixinho... e com uma arreata curta não fosse o bicho desencabrestar, sim porque afinal esta coisa da democracia não era bem à balda, havia hierarquia, havia antiguidade, havia reconhecimento por trabalho feito... E quanto ao Título recentemente obtido, verificou depois que não era bem a chave milagrosa que abria todas as portas. Foi promovido a técnico superior de terceira, mas com poucas ou nenhuma possibilidade de uma carreira fulgurante, pelo menos tão fulgurante quanto as suas aspirações o desejavam.

-Raios partam à Maria do Carmo mais às miúdas, nem ao sábado me deixam ler o jornal - resmungava o Carlos enquanto lia o anúncio do jornal Expresso que lhe encheu os olhos e abriu a alma.

“Empresa multinacional necessita quadros para empreender reestruturação nas áreas de R Humanos, Aprovisionamentos, Contabilidade. “

-Nem é tarde nem é cedo, na segunda-feira vou responder a este anuncio, nem sequer ponho os pés na repartição Agarrou numa tesoura, recortou o anúncio, meteu-o no bolso do blusão, saiu porta fora, saiu sem rumo, deixou

as miúdas a mergulharem as mãos na terra dos vasos de flores, a espalharem e espezinharem a terra negra pelo chão da varanda do apartamento, a passarem as mãos sujas pelas caras e pelos vestidos e a Maria do Carmo a gritar que nem uma possessa, as veias do pescoço inchadas, vermelha de cólera.

-É sempre a mesma merda, a escrava aguenta com tudo e o sô dótor da mula russa pira-se.

§

-Ó Zé João, queres ir para Angola, pá? -Interpelou-o o Manecas, um colega da Faculdade, à saída da aula de contabilidade analítica.

-É pá o Morais anda à procura de malta para integrar uma equipa de organização na área das contabilidades para actuar em Angola, e para ti, que és um craque nesta área, é capaz de ser uma oportunidade a não perder...

-O quê para Angola? Ó pá aquilo é terra de pretos...Eu não fui à tropa e ia agora para um desterro desses, ainda por cima os gajos andam todos à batatada...Não, não é o filho da minha mãe que vai para esse lugar. De qualquer modo obrigado pela lembrança.

O Zé João virou as costas ao Manecas, apressou o passo, passou pelo gabinete do grupo, colocou a caderneta na gaveta da secretária e dirigiu-se rapidamente para a saída. Tinha marcado com a Isabel, às oito horas, um encontro para jantar no Galeto e já estava atrasado.

-Ó filha desculpa o atraso, mas os miúdos hoje não me largavam a labita, eram questões atrás de questões por causa do teste da próxima semana, e como são todos trabalhadores-estudantes não os podemos desamparar, não lhes podemos virar as costas, percebes, não percebes? - Tentava o Zé João, com um sorriso que lhe mostrava os dentes todos, desculpar-se da meia-hora de seca a que tinha sujeitado a Isabel.

-Bem escolhe lá o menu, para o jantar talvez a cozinha francesa seja melhor, seja menos indigesta, entramos com umas ostras ao natural, seguimos com um pato com laranja e depois complementa-se com uma sobremesa docinha, por exemplo um semi-frio.

A Isabel, uma louraça, bem constituída, com as formas arredondadas bem realçadas pelo vestido apertado e de largo decote, com um metro e sessenta de pernas bem torneadas, uns lábios cheios pintados de rosa carmim, uns olhos grandes, castanhos, era um espectáculo que fazia virar as cabeças dos homens que se encontravam nas proximidades. O Zé João com 43 anos, era de aspecto, uma fraca figura, moreno, cabelo negro, barba serrada, magro, um metro e sessenta de altura que vestia na maioria das vezes uns jeans e um casaco azul-escuro sobre uma camisa branca sem gravata. A Isabel tinha-se apaixonado pelo Zé João, havia cerca de dois anos que se encontravam regularmente, primeiro em locais discretos e depois, cada vez com mais frequência, em locais comuns.

-Vamos para casa, já é tão tarde - diz a Isabel a limpar os lábios com o guardanapo, enquanto o Zé João pagava a conta ao empregado.

Saíram do Galeto e rumaram ao apartamento da Isabel, um segundo andar num prédio da Avenida de Roma. Havia uma semana que não se viam, a Isabel estava com as faces rosadas do vinho e da excitação que a proximidade do Zé João lhe causava, aquela mão sobre o ombro nu enquanto subiam as escadas punham-na com pele de galinha e aumentava-lhe a excitação. Mal a porta do apartamento se fechou atrás das suas costas enlaçou o pescoço do Zé João, procurou-lhe os lábios, a língua, mordiscou, roçou, sorveu, lambeu, enquanto o resto do corpo se enroscava no do seu amante, primeiro com suavidade, depois com frenesim, foi-se despindo, foi-o despindo e sem se aperceber estava deitada na cama do quarto, nua, a lambe-lhe o corpo todo duma ponta à outra, se é que havia pontas naquele

corpo. Depois continuaram a fazer amor pela noite dentro, uma, duas, três vezes, até que a exaustão os fez adormecer...

-Cinco da manhã, porra, tenho que me por na alheta - Resmungou o Zé João com um ar ensonado, sentado na cama a olhar o relógio de ponteiros luminosos.

Sem acender a luz, silenciosamente, vestiu-se e saiu sem se despedir, sem acordar a Isabel. Na rua estava um vento agreste que o fez acordar definitivamente e pôr a cabeça a pensar na desculpa a dar quando chegasse a casa.

-Esta coisa tem que acabar, já não consigo disfarçar esta vida dupla, por vezes tripla, que levo, a Fernanda desconfia mas ainda não se atreveu a tomar uma posição frontal, as miúdas começam a olhar-me de lado, a Isabel está cada vez mais atrevida, mais possessiva, telefona-me para a Faculdade, para a Empresa e na semana passada telefonou para minha casa...

Eram seis horas da manhã quando metia a chave na porta. A luz estava acesa e a Fernanda, de roupão, cabelos descompostos e pantufas, estava sentada no sofá da sala de estar, com um livro aberto sobre os joelhos. O Zé João, apanhado de surpresa, ficou com uma branca que apagou da memória a aldrabice que cuidadosamente tinha preparado durante o trajecto.

-O que é que estás aqui a fazer, levantada a esta hora da manhã? - Titubeou o Zé João.

Um livro voou e por pouco não lhe acertava em cheio na cabeça.

-Seu ordinário, pensas que me enganas, já nem respeitas as tuas filhas, vamos pôr os pontos nos iis e os traços nos tts, vais-te definir duma vez por todas caso contrário podes sair por aquela porta. -Gritava a Fernanda com o braço espetado na direcção da porta da rua.

O Zé João, encurralado, desculpou-se como pôde, que era tudo um mal entendido, que não havia mulher nenhuma entre eles, que era só ciumeira

dela, que tinha passado a noite nos copos com amigos, que ia passar a estar mais tempo com a família, que...que...e logo que pôde, meteu-se na cama, tapou a cabeça com as mantas e tentou desesperadamente adormecer e sair daquele pesadelo.

-Sô Tôr, a facturação está muito má, os clientes não pagam, este mês dois deles prescindiram dos nossos serviços, por este andar no próximo mês não há dinheiro para pagarmos os salários, o meu e o da Ana. Dizia-lhe a secretária, às cinco da tarde, quando conseguiu regressar à sua mini-empresa de contabilidade, enquanto lhe mostrava a folha de controlo de facturação e simultaneamente roçava os seios grandes e duros pelo seu braço.

-Está bem ó Carla, amanhã vemos isso, agora tenho umas coisas que fazer, pode sair e fechar a porta.

-Está lá, está, é o Morais? Daqui fala o Zé João. Olha, ouvi dizer que andas à procura de malta para ir para Angola....

§

Dia um de Maio de 1984. “Atenção senhores passageiros, dentro de cinco minutos iremos aterrar no aeroporto 4 de Fevereiro em Luanda. Conservem os cintos apertados até à completa imobilização do aparelho. O comandante Martinho e a sua tripulação agradecem a vossa preferência e desejam-lhes uma boa estadia. Eram oito horas da manhã, o aparelho, um boing 707 da TAAG sobrevoa a cidade num circulo largo como se quisesse dar de presente, depois de uma incómoda viagem de oito horas apertado entre os outros dois passageiros do banco e as costas do banco da frente, uma panorâmica de Luanda, a espectacular Baía, a Ilha, e depois com o avião já a baixa altitude, a fazer-se à pista, é o muceque enorme, com os telhados em chapa de zinco acastanhada da ferrugem, que desliza sob os olhos do Tiago.